

REPORTAGEM ESPECIAL



Leonardo Silva, conhecido como Asteriel, mergulha no universo dos brechós em busca de roupas vintage, calças de alfaiataria, coletes e camisas especialmente das décadas de 1980 e 1990

Vestir também é posicionamento ao refletir manifestação cultural e temporal

A roupa nunca foi apenas para cobrir o corpo. A história confirma que o vestir sempre refletiu uma manifestação cultural e temporal. E, para a Geração Z, não é diferente. As escolhas definem estilo, consciência e identidade. Em um mundo saturado pelo excesso e descarte rápido, brechós e plataformas de segunda mão deixam de ser marginais e ocupam o centro das decisões dos jovens, espaços onde consumo e atitude se encontram, e cada peça conta sua narrativa.

O relatório Resale's Next Chapter, do Boston Consulting

Group (BCG) em parceria com a Vestiaire Collective, mostra que 32% do guarda-roupa da Geração Z já provém do mercado de segunda mão. Entre eles, 45% das bolsas e 36% das roupas vêm desses canais, que também abrem portas para novas marcas. Oito em cada dez jovens afirmam ter descoberto opções diferentes nesse universo. Vestir hoje é escolha, declaração e presença — um gesto que traduz valores sem precisar de rótulos.

Para a estudante de Museologia da Ufrgs, Aimée Bento Leonhardt, 20 anos, a motivação vai

além da estética ou do preço. Ela compra porque considera a moda circular sustentável e significativa. “Praticamente todas as minhas roupas e acessórios vêm de brechós. Prefiro garimpar em lojas físicas para sentir o caimento e ter certeza de que a peça se encaixa bem. Saber que estou reaproveitando e dando nova vida a cada item faz toda diferença”, explica. Seus critérios incluem estado de conservação, qualidade do tecido, corte que combine com seu corpo e autenticidade. Ela valoriza peças que tragam algo a mais, um toque diferencia-

do, resumindo que vestir não é só cobrir o corpo, mas expressar identidade e estilo próprio.

Leonardo Silva, conhecido como Asteriel, de 21 anos, também mergulha nesse universo de descobertas. Busca roupas vintage, calças de alfaiataria, coletes e camisas com detalhes únicos, especialmente das décadas de 1980 e 1990. Mais do que colecionar peças, valoriza a experiência de garimpar: “Gosto de ir pessoalmente às lojas, sentir a textura, perceber os detalhes. Isso faz toda diferença.” Ao escolher, considera conservação, cor-

te e combinações possíveis, além de caimento no corpo e diálogo com seu estilo.

O jovem percebe algo maior no movimento. A diversidade encontrada nos brechós merece atenção. “É fascinante ver tantas pessoas diferentes compartilhando o mesmo espaço. Cada um constrói seu próprio personagem, mistura estilos, customiza e brinca com acessórios. Mesmo com semelhanças, cada pessoa é única”, conclui, mostrando que a moda circular vai além de roupas, ela é expressão, atitude e identidade.

O segredo por trás dos achados

Entrar em um brechó é como abrir um baú de histórias — tudo tem memória, estilo e, se a escolha for cuidadosa, tem seu futuro garantido no guarda-roupa.

Garimpar exige olhar treinado, paciência e estratégia, e é nesse terreno que Gabriela Henemann, consultora de imagem 360°, guia quem quer transformar a visita em achado certo.

“O primeiro passo é conhecer seu estilo, sem isso qualquer peça se perde na rotina”, afirma Gabriela. Seguir ten-

dências ou se deixar levar pelo preço é arriscado. Ela explica que é preciso saber o que funciona com o corpo, combina com a personalidade e acrescenta valor ao que já existe. Esse olhar faz diferença entre uma compra passageira e um verdadeiro tesouro.

A qualidade é outro segredo que o preço não revela. Gabriela observa cada costura, tecido e acabamento — explica que um casaco barato pode desaparecer após algumas lavagens, enquanto uma peça bem-feita se torna companheira por anos.

“Garimpar é aprender a ler sinais de durabilidade, enxergar o que vai além da etiqueta”, ensina.

Para ela, experimentar é essencial. “Mesmo algo bonito no cabide pode não favorecer o corpo — o caimento é decisivo”, ressalta. Nesse instante, o garimpo se transforma em descoberta.

“A peça certa encaixa-se como se tivesse sido feita para você. Cada ajuste no provador, cada teste de combinação, é parte da experiência que faz a visita valer a pena” reforça

ao destacar que os melhores achados surgem para quem observa com calma, sem pressa nem expectativa automática.

Integrar a peça ao próprio estilo é o que transforma o garimpo em resultado. Customizações sutis, combinações criativas e ajustes estratégicos transformam roupas comuns em destaque do guarda-roupa.

“Moda consciente é sobre escolhas inteligentes, não apenas preço”, conclui Gabriela — e é essa consciência que faz do brechó um espaço de estilo, descoberta e autenticidade.



Gabriela diz que moda consciente vai além do preço